

EDUCAÇÃO

Ensino Superior: ciência é diretriz da melhor do RJ

Rubens Cysne, diretor da Escola Brasileira de Economia e Finanças da FGV, melhor instituição de ensino superior do Estado do Rio segundo o MEC, salienta que investimento em pesquisa faz a diferença na qualidade da formação de seus alunos. *Página 15*



AVALIAÇÃO | Diretor da EPGE, melhor instituição do Rio no IGC, fala sobre os diferenciais da instituição

Qualidade impulsionada pela pesquisa

Produção de saber é decisiva para o ensino de ponta, diz Rubens Cysne

DIEGO SANTOS
diego.santos@folhadirigida.com.br

Há anos se destacando no ranking do Índice Geral de Cursos (IGC), a Escola Brasileira de Economia e Finanças (EPGE), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ficou novamente entre as melhores do país no indicador do Ministério da Educação (MEC) que serve de referência para qualidade do ensino superior. A instituição foi considerada a segunda melhor do país e primeira colocada no Rio de Janeiro. O diretor EPGE, professor Rubens Penha Cysne, acredita que o resultado do centro de ensino deve-se ao trabalho educacional aliado à pesquisa e desenvolvimento.

A tradição de manter um corpo docente com professores pesquisadores que publicam em periódicos de excelência em todo mundo também é vista como fundamental para o resultado alcançado pela EPGE na avaliação do MEC. Para Rubens Penha Cysne, esse envolvimento contribui para que os estudantes tenham

acesso às informações mais atuais da área em que estão se formando. “Quando o professor vai para a sala de aula, como ele está naquele próprio momento, ano, período, e também publicando, provendo novas técnicas, novos conhecimentos para a comunidade acadêmica internacional, ele está ensinando o que existe de mais moderno hoje”, disse o diretor da EPGE, instituição que alcançou o melhor desempenho no IGC em todo o Brasil em 2009, 2010 e 2011.

FOLHA DIRIGIDA - A EPGE FOI, MAIS UMA VEZ, A INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO RIO DE JANEIRO COM O MAIOR IGC. PODERIA NOS FALAR UM POUCO SOBRE A PROPOSTA DE ENSINO DA INSTITUIÇÃO?

Rubens Penha Cysne - Na EPGE, associamos o ensino à pesquisa. O professor que está ensinando necessariamente tem que estar publicando os resultados dos seus trabalhos em periódicos científicos de excelência no exterior e no Brasil. Quando o professor vai para a sala de aula, como ele está naquele próprio momento, ano, período, e também publicando, provendo novas técnicas, novos conhecimentos para a comunidade acadêmica internacional, ele está ensinando o que

existe de mais moderno hoje e não há 30, 40 anos atrás. Essa é a grande vantagem de associarmos o ensino à pesquisa com publicação internacional compulsória. Se um professor não conseguir publicar em periódicos de qualidade ele não estará na linha de frente dos cursos aqui na EPGE. Ele pode até ensinar uma outra matéria, principalmente porque precisamos de uma parte mais operacional, não só acadêmica. Ele vai poder atuar em matérias mais aplicadas. Nós temos professores que são, não necessariamente, acadêmicos em tempo integral, e sim acadêmicos em tempo parcial. Isso é muito bom também porque traz para dentro da sala de aula conhecimentos práticos do dia a dia. Mas, os professores que ficam na linha de frente dos cursos são pesquisadores e isso é um grande diferencial, não só da EPGE, mas de todas as instituições que são ilhas de qualidade na área acadêmica. Isso você observa no Brasil, na Argentina, no Uruguai, no Chile, na Turquia. Todos os lugares onde há excelência de ensino, existe também excelência de pesquisa. Esse é o primeiro grande ponto. Uma outra proposta que temos na escola é a internacionalização.

COMO ELA FUNCIONA?

Quando nós contratamos professores ou quando selecionamos alunos, não temos somente como pra-

olhar para o Rio de Janeiro, Brasil, ou somente a América do Sul ou a América Latina. Temos processos de seleção discente e docente envolvendo todo o mundo. No momento estamos fazendo entrevistas para possíveis contratações de professores com uma missão da escola no mercado de trabalho mundial que se concentra em uma cidade dos Estados Unidos. Os profissionais representantes de universidades de todo mundo também vão lá e fazem as entrevistas. Fazemos uma possível oferta para o profissional participar de um seminário, para conhecermos a pessoa e ela conhecer a Escola. Daí pode surgir uma contratação. Esse processo de internacionalização, tanto do corpo docente quanto da seleção de alunos, é muito importante e é um segundo aspecto da proposta de

ensino da EPGE.

PODE NOS FALAR SOBRE OS PRINCIPAIS TIPOS DE ESTUDOS QUE SÃO FEITOS POR PESQUISADORES DA EPGE?

Os estudos são feitos em centros de excelência acadêmica e têm duas vertentes. Em uma delas, o pesquisador identifica os seus pares, ou seja, aqueles que estão pesquisando na mesma área, no mundo como um todo, e interage com outros pesquisadores tentando prover novas técnicas, novas ideias que sejam mais ou menos aplicadas. A outra vertente é a das pesquisas aplicadas a dados, casos e situações no Brasil e nos demais países emergentes. Nesse caso, o pesquisador está interessado não apenas em avançar o conhecimento, mas em contribuir para o desenvolvimento nacional e para a identificação dos problemas das nações pesquisadas. Mas, gostaria de observar que não pautamos nossa atividade apenas em função da avaliação A ou B.

POR QUÊ?

As avaliações são interessantes quando elas têm o que chamamos na economia de "robustez". A instituição foi considerada de excelência pelo avaliador A. Será que essa avaliação é robusta? Ou seja, será que outros avaliadores também veem a instituição da mesma forma? Será que os alunos contribuem para o país? As avaliações do MEC muito nos honram, pois dão

“A educação é uma política que permite atingir os dois objetivos mais importantes para um país: crescer e prover justiça social, equidade. Construir estradas, criar fábricas, entre outros investimentos, tudo isso faz o país crescer, mas sem equidade. Agora, por meio da educação, é possível gerar duas consequências muito positivas: tornar o país mais igual e ao mesmo tempo prover, através das ideias, tecnologias e crescimento.”

Sérgio Ribeiro da Costa Werlang. É comum egressos da EPGE atuarem em grandes empresas nacionais, no Banco Central e em órgãos governamentais do Brasil e do exterior, o que é um ponto importante que corrobora e complementa

sempre muita distinção. Ficamos no segundo lugar do IGC dentro de mais de 2.100 instituições de educação superior no Brasil. Isso é uma grande honra. Mas ficamos muito contentes em saber que essa é uma avaliação robusta porque, se considerarmos o índice de Tilburg, da Holanda, a EPGE é a primeira escola da América Latina. Há vários exemplos ex-alunos de destaque em sua áreas, como Joaquim Levy, Mário Henrique Simonsen, Gustavo Loyola e

essa avaliação do MEC.

EM TERMOS DE INFRAESTRUTURA, QUE ASPECTOS MAIS CONTRIBUEM PARA O BOM DESEMPENHO DA EPGE NA AVALIAÇÃO DO MEC?

Nossa infraestrutura incorpora uma das bibliotecas mais completas da América Latina, que é a biblioteca Mário Henrique Simonsen, aqui no prédio da Fundação. Nós também tivemos recentemente um prédio inaugurado na Praia de Botafogo e que tem um auditório muito grande e muito bonito. Também oferecemos premiações para os melhores alunos. Aqueles que conseguem publicar podem ganhar descontos nas mensalidades ou mesmo viagens internacionais para apresentação de trabalhos em congressos. Promovemos também a complementação de bolsas de mestrados e doutorados e concedemos ainda muitas bolsas para a graduação. Só recebemos 50 alunos por ano na graduação, ou seja, temos turmas muito pequenas em que os professores conhecem os estudantes desde o primeiro dia de aula. Com isso, há uma identificação maior dos professores com os alunos. Tudo isso evidentemente faz com que a Fundação tenha que aportar valores para a graduação porque ela se torna deficitária, mas o nosso objetivo é visar o conhecimento e a educação, não o lucro da graduação.

COMO O VOCÊ AVALIA A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO PAÍS, DE FORMA GERAL? O IGC TEM MOSTRADO QUE A QUALIDADE ESTÁ MELHORANDO? OU AINDA HÁ MUITO POR FAZER NESTA ÁREA?

Acho que essas avaliações que têm sido feitas pelo MEC têm tido mérito de fazer com que as instituições se preocupem com questões mínimas relativas à qualidade. Acredito que essas instituições estão melhorando porque sabem que

a graduação e pós-graduação são avaliadas com base em pesquisa e, por isso, passam a se preocupar em contratar pelo menos alguns professores pesquisadores que publiquem internacionalmente. Portanto, acho que as avaliações do MEC têm tido a função de despertar naquelas instituições que estavam lá embaixo na escala de excelência uma preocupação com a pesquisa.

QUAIS MEDIDAS SERIAM PRIORITÁRIAS PARA MELHORAR A QUALIDADE DO ENSINO SUPERIOR NO PAÍS?

Temos que olhar com muito carinho e muito cuidado o ensino o fundamental e o médio. Isto está fora da esfera do IGC, mas eu diria que se o processo educacional não for adequado no ensino fundamental e no médio, fica muito difícil recuperar o terreno perdido desde os três anos de idade, para não falar do período pré-escolar que também é muito importante. Devemos dedicar muita atenção à educação básica, inclusive para que nossos alunos entrem na graduação com uma base suficiente para competir internacionalmente. A educação é uma política que permite atingir os dois objetivos mais importantes para um país: crescer e prover justiça social, equidade. Construir estradas, criar fábricas, entre outros investimentos, tudo isso faz o país crescer, mas sem equidade. Agora, por meio da educação, é possível gerar duas consequências muito positivas: tornar o país mais igual e ao mesmo tempo prover, através das ideias, tecnologias e crescimento. A educação tem essa faceta que poucas políticas têm. Por isso que ela é tão importante.

QUAL A SUA ANÁLISE DO ANO DE 2015 PARA ÁREA DE EDUCAÇÃO E, EM ESPECIAL, PARA O ENSINO SUPERIOR? E QUAIS AS SUAS EXPECTATIVAS PARA 2016?

Em relação às expectativas sobre

educação, temos que trabalhar com horizontes mais amplos. No caso do Brasil, se olharmos para os próximos 3 a 5 anos e fizermos uma retrospectiva de como via-se a educação até meados dos anos 90, houve uma grande melhoria. Podemos dizer que, de 2000 para cá, há um interesse maior em torno de pesquisas sobre o ensino fundamental e tentativas de prover mais recursos para essa etapa educacional, embora essa tentativa não tenha se materializado na direção que mais gostaríamos. Isso tudo, até meados dos anos 90, não era discutido. Nessa época, só se falava em inflação. Então, desde 2000, há uma clara preocupação da sociedade sobre a importância da educação no país. Eu diria que a crise não vai afetar essa tendência. Pelo contrário, acredito que ela vai gerar a percepção de que uma política de crescimento e evolução, como o Brasil está querendo, deve ser alcançada através da educação. Portanto, vejo a educação ganhando prioridade nos próximos anos.

QUAIS OS PLANOS PARA A EPGE NO CURTO PRAZO? HÁ EXPECTATIVA, POR EXEMPLO, DE EXPANSÃO?

Como já mencionado, estamos priorizando cada vez mais a contratação de pesquisadores internacionais. Além disso, queremos aumentar o estímulo aos alunos mais carentes. Temos, por exemplo, estudantes de outras regiões do Brasil que ingressaram pela nota no Enem. Queremos prover condições para que esses alunos estudem no Rio de Janeiro, o que não é fácil, pois o custo de vida é elevado. Essa é uma das prioridades da escola: suprir as necessidades dos alunos que têm problemas financeiros, contando que eles tenham excelência acadêmica e que queiram realmente se dedicar e aprender. Estamos nos preparando para o que será a grande retomada do Brasil.



ANDRÉ TELLES

Rubens Penha Cysne:
"Nossa infraestrutura incorpora
uma das bibliotecas mais
completas da América Latina"